

O USO DAS PLANTAS E O SABER TRADICIONAL EM TRÊS COMUNIDADES RIBEIRINHAS DO RIO SÃO FRANCISCO

Lídia Maria Pires Soares Cardel²²
Maria Aparecida José de Oliveira²³
Maria Lenise Silva Guedes²⁴
Fernanda Afonso Santana²⁵

RESUMO

Grande parte da população rural do semiárido é formada por agricultores familiares de baixa renda, que têm sua autorreprodução baseada tanto no plantio policultor em áreas da caatinga como na utilização de espécies arbóreo-arbustivas, subarbustivas e herbáceas para diferentes usos econômicos e culturais. A pesquisa que subsidia este artigo teve como objetivo avaliar como três comunidades rurais do município de Barra/BA utilizam as plantas da caatinga e o sistema de quintais. Foram realizadas oito visitas às comunidades e aplicados questionários abertos e semiestruturados sobre a questão ambiental, a matriz energética e o uso das plantas. O material botânico coletado encontra-se no acervo do Herbário Alexandre Leal Costa-UFBA. Verificou-se que várias espécies vegetais nativas são usadas para usos medicinais, produção de forragens, apicultura e fins energéticos. Muitas das espécies herbáceas cultivadas nos quintais são exóticas e utilizadas como medicinais, as quais são cultivadas

22. Professora Associada do Departamento de Sociologia da Universidade Federal da Bahia, membro da Pós-Graduação em Ciências Sociais e Coordenadora do Núcleo de Estudos Ambientais e Rurais – NUCLEAR. Email: lcadel@uol.com.br.

23. Professora Adjunta do Departamento de Botânica da Universidade Federal da Bahia. Email: aparecid@ufba.br

24. Professora Adjunta do Departamento de Botânica da Universidade Federal da Bahia. Email: mlguedes2003@yahoo.com.br

25. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Botânica da Universidade Estadual de Feira de Santana. Email: fernandaafonsos@hotmail.com

em canteiros suspensos pelos grupos domésticos das comunidades. Segundo os dados coletados por meio da metodologia análise-diagnóstico de sistemas agrários, o extrativismo das espécies nativas e o cultivo das espécies exóticas têm um impacto significativo na economia doméstica dos grupos estudados. O uso das espécies vegetais nessas comunidades rurais, para fins alimentares, religiosos e medicinais, é uma prática comum e se caracteriza, principalmente, pelo conhecimento passado de geração a geração. Essa práxis preserva o conhecimento tradicional dos grupos sobre o bioma no qual estão inseridos, demonstrando a importância medicinal e cultural das plantas para essas comunidades.

Palavras-chaves: Comunidades tradicionais. Caatinga. Composição florística.

THE PLANT USE AND TRADITIONAL KNOWLEDGE IN THREE COMMUNITIES ON THE BANKS OF SÃO FRANCISCO RIVER

ABSTRACT

The greater part of the rural population of this semi-arid area is formed of low income farming families who subsist mainly on polyculture plantations in areas of Brazilian 'caatinga'. They also utilize areas of arboreous and shrubby vegetation with shrubs and herbaceous plants having different cultural and economic uses. The aim of this research was to analyse the way the plants of the caatinga and the garden system are used by three rural communities in the town of Barra, Bahia. Eight visits were made to the communities and open and semi structured questionnaires about environmental issues, energy sources and the uses of the plants were given. The botanical material collected can be found in the collection of the Herbarium Alexandre Leal Costa-UFBA. It was observed that several native species of vegetation were used for medicinal purposes, others for the preparation of fodders, and also beekeeping and energy sourcing. Many of the exotic herbaceous species utilized as medicines were cultivated in suspended flowerbed gardens by the domestic groups of the communities. According to the collected data, using analysis diagnosis methodology of the land systems, the extraction and cultivation of the exotic native species has a significant impact on the domestic economy of the studied groups. The utilization of the vegetation in these rural communities as a food source, and for religious and medicinal purposes is common practice and is characterized mainly by knowledge passed on from generation to generation. This praxis preserves the groups' traditional knowledge within the context of the biome in which they live. They demonstrate the cultural and medicinal importance of the plants within their communities.

Keywords: Traditional communities. Caatinga flora. Resource extraction.

I. Introdução

O homem sertanejo e beradeiro do Vale do São Francisco, como nos informa Donald Pierson em seu estudo intitulado “O Homem No Vale do São Francisco” (1972), possui uma relação estratégica com o bioma no qual está inserido e estabelece continuamente um extenso conhecimento sobre a utilização dos seus recursos naturais. Essa proposição será o foco central deste artigo, que propõe analisar por meio de um estudo de caso realizado com três comunidades camponesas²⁶ da região do médio São Francisco, a forma como os agricultores familiares sertanejos utilizam e manejam as espécies arbóreo-arbustivas, subarbustivas e herbáceas da região da caatinga.

O município de Barra localiza-se na região do noroeste do estado da Bahia, na margem esquerda do encontro dos rios Grande e São Francisco, a 790 km da cidade de Salvador, onde estão localizadas as comunidades de Pau d’Arco, Canudos e Brejo do Saco, comunidades rurais nas quais centramos o trabalho de campo desta pesquisa²⁷.

Esse município encontra-se no domínio da caatinga e o seu território apresenta diversas fisionomias, como caatinga arbóreo-arbustiva densa ou rala, mata decídua, tabuleiros, dunas e brejos recortados por serras. Historicamente, essa região do médio São Francisco se integrou primeiramente ao Ciclo do Gado, atividade econômica que se adaptou muito bem aos pastos nativos, às ilhas do São Francisco junto aos currais e ao sistema hidroviário de transporte. E sua população camponesa se caracterizou, desde os tempos marcados pela historicidade do imaginário local, como um grupo social voltado ao uso da terra e do território de forma pluriativa, utilizando estratégias variadas de apropriação dos recursos naturais em conjunto com o plantio de roças de subsistência, assim como lançando mão dos processos de migrações e deslocamentos intra e inter-regionais (CARDEL 1992).

Os últimos dados coletados pelo IBGE (2010) indicam que a principal

26. Utilizamos o conceito de campesinato baseados na concepção estruturada pelos seguintes autores: Queiroz, 1973; Woortmann, 1997; e Wanderley, 1996.

27. Nesta região foi desenvolvido o projeto “Semiárido: Superação da Pobreza pelo Desenvolvimento Autossustentável”, realizado, entre 2006 e 2008 por uma equipe de pesquisadores multidisciplinares da Universidade Federal da Bahia, projeto este financiado pela FAPESB/BA.

vocação desse município ainda está centrada na agricultura, no extrativismo e na pecuária extensiva. Enquanto a área urbana emprega 803 pessoas, a área rural gera 12.148 vagas cadastradas. Como na área urbana residem 19.483 pessoas, é de se supor que boa parte dessa população esteja vinculada economicamente ao meio rural, o que nos indica que a economia geral desse município está basicamente centrada nas atividades da agricultura familiar e no extrativismo de espécies oriundas do bioma caatinga.

Como apontam os estudos e as pesquisas sobre comunidades camponesas sertanejas (WOORTMANN, 1997, entre outros), a utilização dos recursos naturais da caatinga passa por um processo cultural e econômico, pois os grupos sociais utilizam esses recursos (flora, fauna, água, solo) de diferentes maneiras, de forma a resolver suas necessidades materiais e simbólicas. Grande parte das espécies nativas é utilizada, no cotidiano, para diferentes fins, como alimentação, medicamentos, elementos religiosos, matriz energética e alimentação animal. A forma como as comunidades tradicionais usam e classificam essas espécies é atualmente área de estudo também da etnobotânica, que parte do princípio de que o saber tradicional possui uma forma de identificação e classificação oriunda de um conhecimento transmitido e adquirido ao longo das gerações e cristalizada no imaginário social dos grupos tradicionais.

Portanto, o saber tradicional²⁸ que ancora a percepção empírica do homem camponês sobre a natureza dá base aos princípios de inter-relação entre o homem e o meio em que este se insere. No caso aqui estudado, as três comunidades pesquisadas são compostas por grupos domésticos camponeses com forte identificação com o bioma caatinga, onde desenvolvem formas de agricultura estruturadas pelos laços de parentesco e de compadrio. Essa agricultura familiar de produção e autoconsumo tem como características a direção da unidade produtiva exercida pela família; a mão de obra familiar superior à contratada; a posse e/ou a propriedade fundamentada em relações familísticas e nas relações socioeconômicas baseadas em grupos domésticos estruturados nas relações de reciprocidade e complementaridade. Em suma, essas relações sociais que fundamentam as estruturas organizacionais das comunidades tradicionais camponesas também estruturam as relações do homem com o bioma no qual

28. De acordo com Little, o saber tradicional se ancora nos “planos da prática sociocultural (religioso, identitário, cosmológico, linguístico, entre outros)” (2002:22).

está inserido, estabelecendo uma relação de troca entre o homem e a natureza, reconfigurando o ambiente natural em um meio socioambiental.

Na atualidade, essas comunidades tradicionais estão subsumidas em uma sociedade moderna e industrial que possui uma relação produtivista e economicista com os recursos naturais dos biomas. Essa prática exploratória parte do princípio de que os bens naturais são elementos ilimitados doados pela natureza. Portanto, a ação antrópica exercida pela sociedade industrial é, em sua essência, distinta da ação antrópica exercida pelas comunidades tradicionais. Estas possuem uma relação de reciprocidade e de troca entre os seus modos produtivos e os ciclos naturais das espécies, e buscam exercer suas atividades de plantio nos períodos propícios da natureza. Por outro lado, a lógica do capital industrial é hegemônica. Sua ação está pautada apenas na produção e no consumo dos bens vitais retirados da natureza, perdendo diversidade e ameaçando a segurança alimentar dos grupos sociais nela inseridos. A ação antrópica desregulada é uma das causas para a redução da diversidade florística dos espécimes multiusos, como apontam COSTA *et al.*,(2009).

Nesse sentido, a degradação dos recursos hídricos e do solo agrega a diminuição da biodiversidade e, conseqüentemente, leva à fragmentação e à dispersão dos conhecimentos e das práticas tradicionais, intimamente ligadas à conservação dos recursos naturais, particularmente a fauna e a flora. Assim, o enfrentamento das questões ambientais pela agricultura familiar está inserido em um contexto complexo, com uma série de condicionantes externos e independentes à sua intervenção direta, tornando ainda mais difícil a solução dos problemas existentes no âmbito da recuperação e da conservação dos recursos naturais.

Destarte, esta pesquisa teve como finalidade avaliar como três comunidades rurais da região do médio São Francisco utilizam e domesticam as espécies nativas da Caatinga, e como seus princípios de exploração dos recursos naturais do bioma caatinga se distinguem da exploração imposta pela lógica produtivista e mercantilista dos agentes externos.

2. Caracterização das comunidades estudadas

Pau d'Arco é um distrito rural do município de Barra, distante 4 km da sede, e fundamenta suas atividades de sobrevivência dos grupos domésticos na produção agrícola, no extrativismo vegetal e na pesca. A comunidade possui por volta de 20 km² divididos em áreas de produção agrícola e de extrativismo.

A comunidade de Canudos dista do município de Barra 18 km e, da mesma forma que Pau d'Arco, está encravada às margens do rio São Francisco, e seus territórios de plantio e de extrativismo estão distribuídos em 32 km².

Essas duas comunidades estão circunscritas entre extensões de serra, dunas, caatinga, rio e ilhas (coroas do São Francisco). É por meio da distinção desses ecossistemas que seus moradores estrategicamente criam formas de sobrevivência com características próprias, em tempos e áreas diferenciados. Dentro dos territórios distintos e com divisões de trabalho pautadas em gênero e geração, seus moradores transitam entre atividades de extração (lenha, carnaúba, frutos e ervas), agricultura (roças de caatinga, beira de rio e ilha), pesca artesanal (pescadores da Colônia e não filiados) e a estratégia de migração sazonal (atividades temporárias) e circulatória.

A terceira comunidade estudada se distingue das outras duas em função da sua localização. A comunidade do Brejo do Saco está localizada no interior do município de Barra, a 37 km da sede do município. O território dessa comunidade possui cerca de 12km², sendo a maior parte constituída de solos arenosos e, portanto, considerada improdutiva. As faixas exploradas para a agricultura são designadas por uma clara divisão que norteia, de forma direta, toda a organização dessa comunidade: o “terreno de chuva ou de caatinga” e o “terreno de brejo ou úmido”. Apesar de estar localizada na inóspita região semiárida, essa comunidade está instalada em uma geografia muito peculiar: em um ambiente entrecortado por riachos e pequenos açudes naturais conhecidos como a região dos brejos.

3. Levantamento florístico e coleta das informações sobre o uso das espécies

Em área de caatinga arbórea e arbustivo-arbórea, próxima às comunidades citadas, foi selecionado um local com vegetação típica da caatinga. Nessa área

foram lançados cinco transcetos de mil metros cada, em que foi realizado o estudo qualitativo e quantitativo por meio do método de caminhamento, uma técnica utilizada pela metodologia de análise-diagnóstico de sistemas agrários (DUFUMIER, 2007). Todos os indivíduos floridos e/ou frutificados foram coletados, prensados, desidratados e posteriormente identificados com bibliografia especializada e/ou por comparação do material com outros materiais já existentes no Herbário Alexandre Leal Costa (HALC).

Durante a caminhada para coleta de material botânico acompanhada de moradores locais, foram realizadas entrevistas abertas e semiestruturadas com dois apicultores da região que serviram de guia e informantes-chave sobre o conhecimento tradicional da população local referentes às espécies coletadas. A estrutura básica de coleta de informação pautou-se por três princípios básicos da etnobotânica, a saber: nome vulgar, forma de uso medicinal, serventia genérica e partes da estrutura das espécies utilizadas.

Após esse procedimento, a equipe retornou às comunidades e aplicou novamente as mesmas entrevistas, utilizando os mesmos princípios, a mais três informantes-chave de cada comunidade, com o intuito de verificar a confiabilidade das informações obtidas com os dois informantes guias.

As informações obtidas pelas entrevistas foram padronizadas e colocadas em quadros demonstrativos. Os demais dados foram padronizados e categorizados tematicamente a fim de estabelecer uma troca entre os conhecimentos científicos e os saberes tradicionais sobre as espécies coletadas e usadas por essas comunidades.

Para o estudo do processo da domesticação dos espécimes em quintais, também foi utilizada a metodologia análise-diagnóstico de sistemas agrários, que tem como base a separação dos sistemas produtivos dos grupos domésticos das comunidades rurais em sistemas distintos: os quintais domésticos, pautados na relação de gênero e geração e as áreas de plantio e extrativismo, nos territórios das comunidades. De forma complementar, foram realizadas três oficinas, uma em cada comunidade, com duração de quatro dias, pautadas nesse mesmo método, com a finalidade de realizar uma análise participativa sobre os vários sistemas produtivos, como o extrativismo, as roças de caatinga e os quintais, e suas relevâncias econômicas para os grupos rurais pesquisados²⁹. Essa

29. Tal metodologia consiste em um conjunto de etapas e das seguintes técnicas de coleta de dados

metodologia garantiu-nos uma análise comparativa sobre os diferentes modos de uso dos espaços, no sentido confirmado por Dufumier (2007), e demonstrou, por meio de dados quantitativos e qualitativos, que os quintais familiares são as áreas economicamente mais ativas dos grupos domésticos baseados na economia da agricultura familiar.

4. Levantamento das espécies do domínio caatinga encontradas nas comunidades estudadas

De acordo com as visitas de campo realizadas entre os anos de 2007 e 2008, junto às populações tradicionais das comunidades de Pau d'Arco, Canudos e Brejo do Saco, a composição florística encontrada foi de uma vegetação arbóreo-arbustiva distribuída em 30 famílias botânicas, contendo 52 espécies diferentes (Tabela 1). A família com maior número de espécies foi a Fabaceae, seguida pela família Euphorbiaceae, com 15 e 7 espécies, respectivamente, e as demais famílias, representadas por uma a três espécies. As famílias Fabaceae e Euphorbiaceae apresentaram-se dominantes na caatinga, corroborando os dados encontrados por Ferraz *et al.* (1998), Andrade *et al.* (2005), Cardoso & Queiroz (2007).

Pode-se verificar que muitas espécies presentes na tabela 1 são espécies de multiuso, ou seja, são aquelas que permeiam todo o *modus vivendi* camponês da população local, sendo utilizadas pelo seu potencial medicinal, como fonte de material de construção e de matriz energética, e para a obtenção de produtos secundários, como mel, cera, elementos de uso sociorreligioso, forragem para alimentação animal, artesanato, entre outros usos, podendo ser fonte de renda para as comunidades por meio da utilização e venda das diferentes estruturas da planta socialmente valorizadas.

qualitativos e quantitativos: Leitura da Paisagem; Zoneamento Agroecológico; Entrevistas Históricas; Tipologia dos Sistemas de Produção; Avaliação Agrônômica e Econômica dos Sistemas de Produção.

Tabela 1. Relação das espécies encontradas nos fragmentos de Caatinga do município de Barra- BA e utilizadas pelas comunidades em estudo.

Família	Gênero/Espécie	Nome Popular	Uso	Habito
Anacardiaceae	<i>Spondias tuberosa</i> Arruda	Umбуzeiro	alimentação	arbóreo
	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	medicinal/madeira	arbóreo
	<i>Schinopsis brasiliensis</i> Engl.	Braúna	combustível	arbóreo
Amnonaceae	<i>Annona spinescens</i> Mart.	Cagão	forragem/melífera	arbóreo
Apocynaceae	<i>Aspidosperma</i> sp	çoça-çoça	medicinal	arbustivo
Arecaceae	<i>Copernicia prunifera</i> (Mill) H.E. Moore	Carmaúba	construção/ceras	arbóreo
Bigoniaceae	<i>Anemopaegma laeve</i> DC.	Desconhecido	forragem/melífera	arbustivo
Boraginaceae	<i>Heliotropium elongatum</i> (Cham.) J.M.Johnst.	crista-de-galo	medicinal/madeira	herbáceo
Capparaceae	<i>Cynophalla flexuosa</i> (L.) J. Presl	feijão-branco	forrageira/melífera	arbustivo
Caryocaceae	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	Pequi	medicinal/madeira/alimento	arbóreo
Combretaceae	<i>Terminalia</i> sp.	Canacari	madeira	arbóreo
Chrysobalanaceae	<i>Couepia uiti</i> (Mart.) & Zucc.) Benth. ex Hook. f	Assisi	forrageira/melífera	arbóreo
Cannabaceae	<i>Celtis iguanaea</i> (Jacq.) Sarg.	juá-mirim	medicinal/alimentícia	arbustiva
Euphorbiaceae	<i>Cnidocolus pubescens</i> Pohl	Cansanção	melífera	arbóreo
	<i>Cnidocolus quercifolius</i> Pohl	faveia	forrageira/melífera/medicinal	arbóreo
	<i>Croton argyrophylloides</i> Müll. Arg.	vassourinha	vassoura	arbustivo
	<i>Croton campestris</i> A.St.Hil.	velame	medicinal	arbustivo
	<i>Croton</i> sp	cróton	medicinal	arbustivo
	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	pinhão-roxo	medicinal/melífera	arbustivo
Fabaceae-Caesalpinioideae	<i>Jatropha molissima</i> (Pohl) Baill.	pinhão	sabão	arbustivo
	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	unha-de-vaca	medicinal/madeira	Arbóreo
	<i>Copaifera</i> sp	sapucaia	cerca/medicinal	arbóreo
	<i>Hymenaea courbaril</i>	jatobá-porco	medicinal/construção	arbóreo
	<i>Hymenaea</i> sp	jatobá-preto	madeira/construção	arbóreo
Fabaceae-faboideae	<i>Poinciana pyramidalis</i> (Tul.) L.P. Queiroz	atingueira	forrageira/melífera/medicinal	arbóreo
	<i>Amburana cearensis</i> (Fr.Alem.) A.C.Smith	umburana	medicinal/madeira	arbóreo
	<i>Sesbania virgata</i> (Cav.) Pers	anil-bravo	forrageira/medicinal	
	<i>Tephrosia cinerea</i> (L.) Pers.	anil- bravo	forrageira/medicinal	arbustivo
Fabaceae-mimosoideae	<i>Trischidium molle</i> (Benth.) H.E.Ireland	desconhecido	melífera	arbustivo
	<i>Abarema</i> sp	desconhecido	medicinal	arbóreo
Fabaceae-Mimosaceae	<i>Enterolobium contortistiliquum</i> (Vell) Morong	tamboril	alimentação/forrageira	arbóreo
	<i>Mimosa artemisiana</i> Heringer & Paula	jurema-branca	forrageira/melífera	arbustiva
	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir	jurema-preta	medicinal	arbustiva
	<i>Parkia platycephala</i> (Benth.)	sabiú	forrageira/madeira	arbóreo
	<i>Piptadenia stipulacea</i> (Benth) Ducke	jurema-branca	forrageira	arbustiva
Krameriaceae	<i>Krameria argentea</i> Mart. ex Spreng.	roseta	medicinal	arbóreo
Malpighiaceae	<i>Byrsonima gardneriana</i> Juss	murici-pequeno	alimentícia	arbóreo
Malvaceae	<i>Bytneria filipes</i> Mart. ex K.Schum.	erva-amarelinha	melífera/forrageira	liana
Malvaceae	<i>Pseudobombax</i> sp	castanheira	sabão/forrageira	arbóreo
Melastomataceae	<i>Miconia</i> sp.	desconhecido	medicinal/melífera	arbustiva
	<i>Mouriri pusa</i> Gardner	puçá-verdadeira	alimentação/medicinal	arbustiva
Moraceae	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trec.	mama-cadela	medicinal	arbustiva
Moringaceae	<i>Moringa oleifera</i> Lam.	moringa	ornamental/medicinal	arbóreo
Myrtaceae	<i>Eugenia</i> sp.	araçá-bravo	melífera/forrageira/comestive	arbustiva
Okaceae	<i>Ximena coriacea</i> Engl.	ameixa	medicinal	arbustiva
Polygonaceae	<i>Triplaris gardneriana</i> Wedd	pajeú	medicinal/melífera	arbustiva
Rhamnaceae	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	juazeiro	alimentícia/madeira	arbóreo
Sapotaceae	<i>Pouteria</i> sp	cascudeiro	forrageira	arbustiva
Simaroubaceae	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem&Schult) T.D. Penn	quixaba	alimentícia/medicinal	arbóreo
	<i>Simaba ferruginea</i> St. Hil	calunga	medicinal	arvoreta
Verbenaceae	<i>Lippia thymoides</i> Mart&Schauer	alecrim campo	medicinal	arbustivo
Viscaceae	<i>Phoradendron affine</i> (Pohl.ex DC.) Engl. & Krause	erva-passarinho	forrageira/melífera/medicinal	arbustivo

Fonte: Elaborado pelos autores

Desse modo, segundo relato das comunidades, em torno de 30 % das espécies citadas são de multiuso (tabela 1). Podemos destacar as mais citadas pelos informantes: o angico (*Anadenanthera colubrina* (Vell.)Brenan), relatado como medicinal (com o uso da casca para infusão), como material de construção e como matriz energética. Alguns informantes relataram, inclusive, o uso da goma e da resina para pequenos reparos caseiros. Nesse mesmo sentido, Carvalho (2003) relata que o tanino presente nesta espécie é usado em curtumes e abatedouros, sendo que suas flores melíferas são indicadas para apicultura, além de ser uma espécie recomendada para a restauração de áreas degradadas. A amburana (*Amburana cearensis* (Allemão)A.C.Sm.) e a aroeira-do-sertão (*Myracrodruon urundeuva* Allemão) foram citadas também pelo uso da madeira e das propriedades medicinais. No que tange a essas duas espécies, algumas pesquisas confirmam suas propriedades medicinais, como, por exemplo, a presença da cumarina na casca da *A.cearensis* (OLIVEIRA *et al.* 2009; CANUTO *et al.* 2006) e a alta concentração de fenóis e taninos em cascas e folhas na *Myracrodruon urundeuva* Allemão (QUEIROZ *et al.*2002; MONTEIRO *et al.* 2005).

Porém essas espécies apresentam outros usos, conforme nos indica a literatura. No caso da aroeira, utilizam-se a resina, o tanino, a forrageira e as suas propriedades melíferas. Essa espécie, presente nas áreas de caatinga do entorno das comunidades estudadas, consta na lista de espécies ameaçadas de extinção e merece atenção para futuros projetos de técnicas de manejo sustentável, conforme os estudos de SILVA & ALBUQUERQUE (2005).

Entre as espécies endêmicas encontradas, destacam-se o umbu (*Spondias tuberosa*) e o juazeiro (*Ziziphus joazeiro*), que têm frutos comestíveis, são espécies melíferas e produzem sombras (NADIA *et al.* 2007), entre outras qualidades apontadas (tabela 1).

Geralmente essas espécies apontadas como de multiuso são as mais exploradas pela população como fonte de renda devido ao valor cultural e medicinal. Além dessa utilização tradicional, existe a exploração mercantil realizada pelas indústrias, ação que causa um dano muito maior que o extrativismo de subsistência realizado pelos agricultores familiares pesquisados. Observamos que o extrativismo de madeira para a produção de carvão vegetal realizado constantemente na área pesquisada vem diminuindo drasticamente as populações naturais dessas espécies neste bioma. Verificamos que as comunidades

avaliadas possuem uma relação de reciprocidade entre suas necessidades e o meio no qual estão inseridas, na medida em que, por observação empírica, mantêm algumas espécies em função das suas importâncias materiais e simbólicas. Quando indagamos de um de nossos informantes a importância das plantas nativas para o seu modo de vida, este nos relatou a seguinte colocação: “este pé cresceu comigo e meus filhos vão crescer com ele”. Podemos inferir dessa curta resposta que a visão de mundo do homem sertanejo está imiscuída ao ritmo da natureza que o cerca. Não estamos afirmando que não há uma relação de utilidade entre as comunidades tradicionais e o bioma no qual estão inseridas, mas apenas constatando que a concepção de utilizar e preservar é a base do *modus vivendi* dessas populações.

Assim, conforme análise dos dados (figura 1), tem-se que 50% das espécies da caatinga têm uso medicinal, 30 % são usadas como forrageira e produção de mel, restando 15 % para usos múltiplos da madeira (construção de moradias e abrigo de animais, matriz energética, construção de barcos, etc).

Com relação ao uso medicamentoso, o principal uso das espécies medicinais é na forma de chá-infusão (70%), banhos (11%), sucos (13%) e óleos (4%). Para as comunidades entrevistadas, a mama-cadela (*Brosimum gaudichaudii* Trécul) é usada principalmente na forma de chá, sendo essa infusão indicada para dores e inflamações. Algumas pesquisas têm demonstrado que a casca da raiz e do caule é a parte da planta que apresenta princípios ativos utilizados para o tratamento do vitiligo (JACOMASSI *et al* 2007; CUNHA *et al* 2008).

O uso das espécies para retirada de óleo requer procedimentos técnicos e trabalhosos. Apesar de as comunidades dominarem essas técnicas, atualmente, em função da proximidade e ou da facilidade do acesso aos centros urbanos regionais e da oferta mais acessível de óleos vegetais (principalmente de soja) pelos mercados e vendas locais, a extração de óleo vegetal diminuiu paulatinamente nas últimas duas décadas, conforme observa Cardel (1992) e como demonstram os dados coletados pela nossa pesquisa.

5. Espécies presentes nos quintais e sua relevância socioeconômica para os grupos domésticos

Assim como em Canudos, Brejo do Saco e Pau d'Arco, os quintais do campesinato brasileiro têm uma grande importância na manutenção do

grupo social. É nos quintais que se plantam árvores frutíferas, hortaliças, plantas ornamentais e medicinais, e os trabalhos realizados nesse lugar são, prioritariamente, executados por mulheres e crianças de ambos os sexos. Essa distribuição espacial está ligada efetivamente à questão da pluriatividade (DUFUMIER 2007) do homem rural brasileiro que estabelece sua economia social por meio de várias estratégias econômicas, como: o extrativismo, a roça, a pesca e a venda da sua força de trabalho em período de escassez.

Nesta pesquisa, a contribuição dos quintais para a economia doméstica dos grupos estudados foi comprovada por meio da metodologia de análise e sistemas de diagnóstico através da qual constatamos que cerca de 40% da manutenção material das famílias estudadas provêm das atividades desenvolvidas nesse espaço. Segundo Carniello *et al.* (2010), as plantas e os demais elementos contidos nos quintais promovem a relação do cotidiano das famílias com o seu local de origem e contribuem para a manutenção das características culturais por intermédio do manejo adotado.

Assim, tendo como base a coleta *in loco*, constatamos que aproximadamente 90 % das espécies presentes nos quintais são espécies exóticas (Tabela 2) que foram introduzidas através de relações de trocas por meio dos intensos processos migratórios vividos por esses grupos desde os anos de 1940, principalmente para o sudeste brasileiro (CARDEL 2008), sendo bem adaptadas ao nosso clima e comuns em canteiros de quase todo o território brasileiro.

Tabela 2- Relação das espécies encontradas nos quintais das comunidades estudadas no município de Barra-BA, 2006-2008.

Famílias	Nome popular	Nome científico	Habito	Origem	Uso
Anacardiaceae	Ceriguela	<i>Spondias purpurea</i> L.	arbóreo	exótica	alimentar
	Caju	<i>Anacardium occidentale</i> L.	arbóreo	nativa	alimentar
Amaranthaceae	Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	herbáceo	exótica	medicinal
Annonaceae	Pinha	<i>Annona squamosa</i> L.	arbóreo	exótica	alimentar
Apiaceae	Salsa	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.)Fuss	herbáceo	exótica	alimentar/medicinal
Apocynaceae	Mangaba	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	arbóreo	nativa	alimentar/medicinal
Arecaceae	Buriti	<i>Mauritia flexuosa</i> L.f.	arbóreo	nativa	alimentar/medicinal
Asphodelaceae	Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	herbáceo	exótica	medicinal
Asteraceae	Alevante	<i>Achillea millefolium</i> L.	herbáceo	exótica	medicinal
	Assa-peixe	<i>Vernonia polyanthos</i> Less.	arbusto	exótica	medicinal
	Maravilha	<i>Calendula officinalis</i> L.	herbáceo	exótica	medicinal
	Mulatinha	<i>Tanacetum vulgare</i> L.	subarbusto	exótica	medicinal
	Assa-peixe	<i>Vernonia polyanthos</i> Less.	arbusto	exótica	medicinal
Brassicaceae	Couve	<i>Brassica oleracea</i> L.	herbáceo	exótica	medicinal
Dilleniaceae	Sambaiba	<i>Curatella americana</i> L.	arbóreo	nativa	medicinal
Fabaceae	Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	arbóreo	nativa	medicinal
	Umburana	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C.Sm.	arbóreo	nativa	alimentar/medicinal
	Unha-de-gato	<i>Mimosa bimucronata</i> (DC)Kuntze	arbusto	nativa	medicinal
Lamiaceae	Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	subarbusto	exótica	medicinal
	Alfavaca	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	subarbusto	exótica	medicinal
	Boldo	<i>Plectranthus barbatus</i> Andreus	herbáceo	exótica	medicinal
	Hortelã-grosso	<i>Plectranthus ambrosioides</i> (Lour) Spreng.	subarbusto	exótica	medicinal
	Hortelãzinho	<i>Menyha pulegium</i> L.	herbáceo	exótica	medicinal
	Manjeriço	<i>Ocimum basilicum</i> L.			
	Melissa	<i>Melissa officinalis</i> L.	herbáceo	exótica	medicinal
	Poejo	<i>Mentha pulegium</i> L.	herbáceo	exótica	medicinal
	Vick	<i>Mentha arvensis</i> L.	herbáceo	exótica	medicinal
Lauraceae	Abacateiro	<i>Persea americana</i> Mill.	arbóreo	exótica	alimentar/medicinal
Lythraceae	Romã	<i>Punica granatum</i> L.	arbusto	exótica	medicinal
	Mangabeira-brava	<i>Lafoesnia pacari</i> A.St.Hill.	arbusto	nativa	medicinal
Meliaceae	Nim	<i>Azadirachta indica</i> A.Juss.	arbóreo	exótica	inseticida
Moraceae	Bureré	<i>Brossimum gaudichaudii</i> Tréc.	arbóreo	nativa	medicinal
Myrtaceae	Goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	arbóreo	exótica	alimentar/medicinal
Poaceae	Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.)Stapp	herbáceo	exótica	medicinal
Rutaceae	Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	subarbusto	exótica	medicinal
	Laranja	<i>Citrus x sinensis</i> (L.)Osbeck	arbóreo	exótica	alimentar/medicinal
	Limão	<i>Citrus limon</i> (L.) Burm.f.	arbóreo	exótica	alimentar/medicinal
Siparunaceae	Folha-santa	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	arbusto	nativa	medicinal
Urticaceae	Brilhantina	<i>Pilea microphylla</i> (L.)Liebm.	herbáceo	nativa	medicinal
Verbenaceae	Erva-cidreira	<i>Lippia Alba</i> (Mill.) N.E.Br.	subarbusto	exótica	medicinal

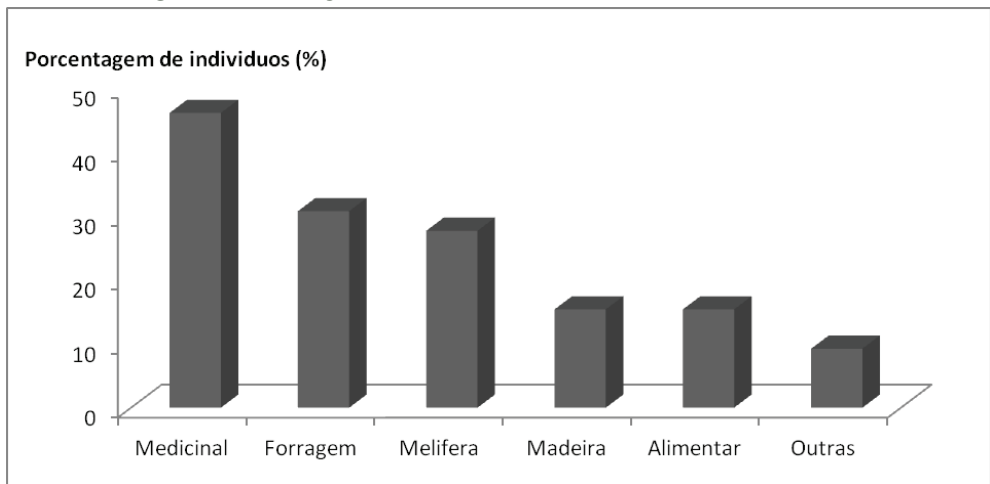
Fonte: Elaborado pelos autores

No tocante às espécies medicinais presentes nos quintais das comunidades pesquisadas, sua utilização para consumo é realizada por meio das folhas, principalmente em forma de chá ou infusão, que podem ser ingeridos ou usados em banhos de cura ou processos ritualísticos. Essas práticas são realizadas

visando principalmente, ao combate dos males provocados pelas doenças respiratórias, ao controle do sistema intestinal e à proteção espiritual do corpo.

Outras espécies cultivadas nos quintais são as hortaliças (tabela 2 e figura 1) para alimentação familiar e posterior venda no mercado municipal da cidade de Barra-BA. Porém constatamos uma baixa variedade das hortaliças produzidas nos quintais das três comunidades, muito em função da demanda econômica do município. Mesmo assim, esse plantio gera uma renda mensal significativa para os grupos domésticos em questão, pois cada espécie pode ser cultivada e manejada em função dos atributos com que provê a população e para o mercado local.

Figura 1 – Porcentagens de indivíduos arbóreos com relação ao uso humano



O uso das espécies vegetais em comunidades agrícolas para fins de cura é uma prática comum e se caracteriza, principalmente, pelo conhecimento tradicional passado de geração a geração. Essa forma de interação do homem com a natureza constrói uma cosmologia própria, preservando o conhecimento empírico das populações locais, demonstrando a importância medicinal e cultural das plantas nativas e exóticas para essas comunidades. Nesta pesquisa, verificamos que existe uma importante troca entre o bioma caatinga e os quintais familiares. E constatamos que os vegetais com propriedades curativas, quando não são extraídos da mata nativa, são adquiridos através das doações de vizinhos

ou mesmo de moradores de outras comunidades e cultivados em quintais, sendo, portanto, um elemento central que contribui inclusive com a sociabilidade do grupo, estruturando um saber local que envolve diferentes práticas de manejo das espécies, estabelecendo um processo de domesticação específica.

6. Manejo dos quintais e das espécies

Nas comunidades do Brejo do Saco e de Canudos verificam-se sistemas de produção de quintais de modo suspenso com utilização de substrato orgânico produzido pelos grupos familiares, que mostram ser uma alternativa eficaz na medida em que evitam o acesso de animais domésticos, além de proporcionar um bom meio para o desenvolvimento das hortaliças e das demais etnoespécies cultivadas, visto que o solo de ambas as comunidades é bastante arenoso.

O substrato usado para o cultivo suspenso é produzido por uma mistura de esterco bovino e restos orgânicos (como casca de ovo, vegetais, pó de café, entre outros). Em cada quintal suspenso há uma variedade de temperos e hortaliças por metro quadrado, formando um verdadeiro microssistema irrigado manualmente, utilizando a água do brejo, do rio São Francisco ou de poços naturais.

Encontramos na comunidade do Brejo do Saco um quintal diferenciado com relação às comunidades ribeirinhas de Pau d'Arco e Canudos. Como o próprio nome da comunidade nos indica, essa população está inserida em um microssistema de brejos e aguadas e em um solo argiloso denominado localmente de paul. Assim, no Brejo do Saco, os quintais estão localizados contiguamente às roças de brejo (consideradas roças de quintais), onde se plantam cana de açúcar (*Saccharum officinarum* L.), mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), feijão de arranca (*Phaseolus vulgaris* L.) e milho (*Zea mays* L.), entre outras variedades alimentares. Nesse contexto de um microssistema diferenciado, foi implantado em 1990, por meio da ONG Brejos da Barra, um projeto de plantio das seguintes espécies frutíferas clonadas: manga (*Mangifera indica* L.), mangaba (*Hancornia speciosa* Gomes) e caju (*Anacardium occidentale* L.), adquiridas dos projetos de fruticultura da região de Petrolina (PE), com a finalidade de proporcionar uma geração de renda complementar aos grupos domésticos dessa comunidade (CARDEL 2008). Entretanto, por falta de orientação técnica, os agricultores não conseguiram levar o projeto de plantio de frutíferas adiante, ocorrendo uma

redução das plantações que hoje são tidas como espécies de quintal. Além das frutíferas introduzidas, encontramos nos quintais dessa comunidade espécies frutíferas nativas, como seriguela (*Spondias purpurea* L.) e umbu (*Spondias tuberosa* Arruda.).

Na comunidade de Pau d'Arco, a ONG Brejos da Barra desenvolveu com as mulheres locais o projeto da horta comunitária, que produz uma boa diversidade de hortaliças: alface (*Lactuca sativa* L.), rúcula (*Eruca sativa* Mill), cenoura (*Daucus carota* L), couve (*Brassica oleracea* L.), berinjela (*Solanum melongena* L.), coentro (*Coriandrum sativum* L.), cebola (*Allium cepa* L.), dentre outras. Por meio do apoio técnico do EBDA (Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrário), criou-se a prática de utilização do adubo orgânico produzido pelas próprias agricultoras, como também estabeleceu-se para o grupo a importância da produção de alimentos orgânicos para a venda no mercado local, abastecido majoritariamente por esse projeto comunitário. Dessa forma, para combater as pragas, não há o uso de inseticidas químicos, e algumas agricultoras borrifam as hortaliças com uma infusão de folhas de Nim (*Azadirachta indica* A. Juss), espécie exótica provinda da Ásia que algumas pesquisas demonstram possuir propriedades inseticidas e praguicidas (MOSSINI & KEMMELMEIER, 2006). A horta está instalada na beira do rio São Francisco, de onde é retirada a água por um sistema de irrigação por aspersão.

Além da produção dos quintais, o extrativismo é uma forte atividade econômica e social das três comunidades pesquisadas. Em função da característica diferenciada da comunidade do Brejo do Saco, inserida num sistema aquífero, o buriti (*Mauritia flexuosa* L.f.), uma palmeira adaptada a locais alagados, é a principal espécie de exploração para geração de renda dos grupos domésticos dessa comunidade. Há uma significativa população de *M.flexuosa* nessa área e foi observada em campo a coleta dos seus frutos. A polpa é retirada para a fabricação artesanal de doces e, da amêndoa, é extraído o óleo, sendo que ambos os produtos são utilizados tanto para alimentação quanto como medicamentos, além de serem vendidos *in natura* no mercado local. Já as palhas e os troncos constituem a principal matéria-prima para construção de casas, apriscos, cercas e mourões.

Em função de o extrativismo ser uma das principais atividades rentáveis dessas comunidades, como confirmamos por meio da metodologia de Análise e Sistemas de Diagnósticos, outras espécies possuem grande importância social e

econômica para a reprodução e a manutenção dos grupos locais.

O umbu (*Spondias tuberosa* Arruda) e o juazeiro (*Ziziphus joazeiro* Mart) são também espécies de suma importância para as três comunidades, na medida em que constituem o imaginário social, cultural e alimentar do homem da caatinga, como nos mostram as inúmeras manifestações populares do nordeste brasileiro. Verificamos o seguinte uso dessas espécies: forrageiro, medicinal e alimentar (tabela 1). De forma mais específica, do umbuzeiro os grupos domésticos pesquisados retiram o fruto e a raiz; e, do juazeiro, retiram o fruto, a folha (como dentifrício), a casca e a raiz (para uso medicinal).

Outras espécies têm importância na atividade extrativista para essas comunidades, quais sejam: pau-ferro (*Libidibia ferrea* (Mart. ex Tul.) L.P. Queiroz), angico (*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan), aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Allemão), umburana (*Commiphora leptophloeos* (Mart.) J.B. Gillet) e pau d'arco (*Handroanthus impetiginosus* Mattos). Esta última, inclusive, dá o seu nome a uma das comunidades pesquisadas. Atualmente, essas quatro espécies são raras na área de caatinga que circunda essas comunidades.

Atualmente, as espécies com maior abundância nos fragmentos da caatinga do entorno das comunidades são: a jurema (*Mimosa tenuiflora* (Willd.), a catingueira (*Poincianella pyramidalis* (Tul.) L.P. Queiroz, o marmeleiro (*Cróton sonderianus* Müell. Arg.) e o feijão-bravo (*Cynophalla flexuosa* (L.) J. Presl. Dentre as mais usadas como matriz energética, segundo os nossos informantes, estão as espécies como a jurema (*Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir.) e a baraúna (*Schinopsis brasiliensis* Engl).

7. Caracterização das roças na caatinga

As roças de caatinga, diferente do que aponta a percepção comum sobre a população rural brasileira, não constituem economicamente a principal fonte de renda dos grupos por nós estudados. Nossa metodologia nos levou a concluir que o extrativismo e o plantio de quintais são economicamente mais relevantes para a renda doméstica do que propriamente a renda obtida com o plantio de espécies alimentares nas roças de caatinga, que representam em torno de 35% da renda econômica total dos grupos familiares, de acordo com os dados obtidos em campo. Entretanto, as roças são espaços centrais de trabalho, tanto para os

homens quanto para as mulheres e as crianças em função da forte identidade desses grupos sociais com a agricultura familiar.

Observamos que, nas comunidades ribeirinhas de Pau d'Arco e Canudos, a pesca tem uma centralidade no trabalho masculino e que a roça é manejada fundamentalmente pelas mulheres e crianças (OLIVEIRA, 2010). Já a comunidade do Brejo do Saco possui uma peculiaridade em função das suas características ambientais: o seu cultivo alimentar se dá principalmente nos enormes quintais de solos argilosos (paúl), e as roças de caatinga são utilizadas apenas em períodos chuvosos.

Dessa forma, a roça de caatinga é uma ação econômica complementar para as comunidades e representa um espaço estratégico de reprodução de vida, principalmente pela ação do extrativismo das espécies nativas. Do que se conclui que as formas agressivas de manejo das roças, como a queima da vegetação e o plantio de espécies exóticas, são menos impactantes ao bioma do que o uso intensivo dos recursos naturais por meio do extrativismo, principalmente aquele incentivado por necessidades externas aos grupos, como o desmatamento para fins energéticos.

Por questões inerentes à ocupação histórica dessa região, todas as três comunidades possuem suas áreas de plantio numa distância de 3 a 6 quilômetros das áreas de moradia. Como nenhum grupo doméstico dessas comunidades possui títulos de propriedade, as roças estão localizadas em áreas de soltas e cada grupo familiar planta em torno de 5 a 20 ha, de acordo com o número de braços que cada família possui para tal atividade.

De acordo com nossas observações, as principais espécies plantadas nas roças de caatinga são: mamona (*Ricinus communis* L.), feijão (*Phaseolus vulgaris* L.), milho (*Zea mays* L.), variedades de abóbora (*Cucurbita* spp.), mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) e melancia (*Citrullus lanatus* (Thunb.) Matsum. & Nakai); com exceção da mamona, que é uma planta de ciclo de vida longo, as demais espécies são anuais. Na realidade, esses agricultores desenvolveram um sistema de consorciamento entre a mamona e as demais espécies nativas e cultivadas. Como a mamona possui uma produção constante ao longo do ano e exige pouco manejo, esta espécie exótica é utilizada como uma espécie de “poupança” no período de estiagem, uma vez que ela continua produzindo mesmo em período de deficiência hídrica e possui um lugar no mercado regional e nacional em função da política nacional de biodiesel implantada pelo governo

federal a partir do Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel, de 2004.

8. Considerações finais

Por meio dos dados coletados, verificamos que o extrativismo das espécies nativas e o cultivo das espécies exóticas têm um impacto significativo na economia doméstica dos grupos estudados. O uso das espécies vegetais (etnoespécies) nessas comunidades rurais, para fins alimentares, religiosos e medicinais, é uma prática comum e se caracteriza, principalmente, pelo conhecimento passado de geração a geração³⁰. Essa práxis preserva o conhecimento tradicional dos grupos sociais sobre o bioma caatinga, demonstrando a importância medicinal e cultural das plantas para essas comunidades. Entretanto, o impacto antrópico, prática comum na região, e a ausência de fiscalização por parte dos órgãos ambientais têm levado à redução das espécies arbóreas de multiuso, o que faz com que seja necessário distinguirmos o extrativismo tradicional realizado pelos grupos domésticos rurais do extrativismo comercial efetuado por indivíduos ou grupos econômicos locais, regionais ou nacionais.

Nesse sentido, observamos que as comunidades rurais pesquisadas possuem uma interação sociocultural intensa com o ambiente no qual estão inseridas, e pensam o bioma caatinga e o rio São Francisco como um imenso território de terra, água e espécies vegetais e animais que moldam as suas cosmologias e visões de mundo, formando um conjunto de conhecimentos que chamamos de tradicional. De forma ambígua, a falta de recursos tecnológicos e a ausência de políticas públicas para a intensificação da agricultura familiar ajudam a construir um refreamento do uso dos recursos naturais, mas apontam as limitações que o Estado possui na geração de ações efetivas, tanto sociais como ambientais, que sejam voltadas para as comunidades rurais tradicionais do homem da caatinga.

Esta pesquisa teve como objetivo demonstrar como as três comunidades rurais estudadas, localizadas no noroeste do Sertão baiano, utilizam e domesticam as espécies nativas e exóticas nos territórios e nas áreas de plantio, como os quintais e as roças. Concluímos que existem etnoespécies-chave de multiuso usadas em várias circunstâncias sociais dos grupos estudados. E que esses grupos possuem

30. Esse processo se dá pelo acúmulo de conhecimento construído por meio da memória coletiva dos grupos estudados.

uma técnica própria de domesticação tanto das espécies de quintais quanto daquelas das roças e das áreas de caatinga. Assim sendo, constatamos que existe uma integração entre o *modus vivendi* das comunidades camponesas estudadas e os diferentes ciclos do bioma caatinga: rio São Francisco, brejos, roças, quintais, etnoespécies e fragmentos da caatinga.

Recebido em fevereiro de 2012.
Aprovado em maio de 2012.

8. Referências

ANDRADE, L.A; Pereira, I.M.; Leite, U.T. & Barbosa, M.R.V. Análise da cobertura de duas fitofiosionomias de caatinga, com diferentes históricos de uso, no município de São João do Cariri, Paraíba. **Cerne**, 11 (3) 2005, p, 253-262.

CARDEL, Lídia Ma. P. S. Algumas considerações sobre Identidade, Sociabilidade e Etnogênese e seus atuais contornos políticos. **O Olho da História**, v. 14, p. 01-13. 2010.

_____. Territorialidade, liminaridade e memória: um estudo de caso sobre choque entre imaginário e (re)construção da identidade. *Csonline*, v. ano 3, p. 45-79. 2008.

_____. **Os Olhos que Olham a Água: Parentes e Herdeiros no “Mundo Camponês”**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. 1992, 248 pp.

CANUTO, K.M; Silveira, E.R. Constituintes químicos da casca do caule de *Amburana cearensis* A.C. Smith. **Quim. Nova**, 29(6), p 1241-1243. 2006.

CARDOSO, D. B. O. S. e Queiroz, L. P. Diversidade de Leguminosas nas caatingas de Tucano, BA: implicações para a fitogeografia do semi-árido do Nordeste do Brasil. **Rodriguésia** 58(2): 379-371. 2007.

CARNIELLO, M.A.; SILVA, R.dos S.; CRUZ, M.A.B.da; GUARIM, N.G. Quintais urbanos de Mirassol D’Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amazônica**, 40(3), p. 451 – 470, 2010.

CARVALHO, P. E. R. **Espécies arbóreas brasileiras**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003.1039pp.

COSTA, T.C e C; ACCIOLY, L. J. O; OLIVEIRA, L.M.T; OLIVEIRA , M.

A. J; QUIMARÃES, D. P. Interação de fatores biofísicos e antrópicos com a Diversidade florística na indicação de áreas para Conservação do bioma caatinga. **Sociedade & Natureza**, 21(1), p. 19-37, 2009.

CUNHA, L.C.da; PAULA, J.R; SÁ, V.A; PAIXÃO e Amorim, M.E; BARROS, I.C.M; BRITO, L.A.B; SILVEIRA, N da. Acute toxicity of *Brosimum gaudichaudii* Trécul. root extract in mice: determination of both approximate and median lethal doses. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, 18(4), p. 532-538. 2008.

DUFUMIER, M. **Projeto de Desenvolvimento Agrícola: manual para especialistas**. Editora da Universidade Federal da Bahia - EDUFBA, Salvador, Bahia, Brasil. 2007, 328pp.

FERRAZ, E. M. N.; RODAL, M. J. N.; SAMPAIO, E. V. S. B.; PEREIRA, R.C.A. Composição florística em trechos de vegetação de caatinga e brejo de altitude na região do Vale do Pajeú, Pernambuco. **Revista Brasileira de Botânica**, 21(1), p. 7-15, 1998.

JACOMASSI, E; MOSCHETA, I.S; MACHADO, S.M.. Morfoanatomia e histoquímica de *Brosimum gaudichaudii* Trécul (Moraceae). Morfoanatomia e histoquímica de *Brosimum gaudichaudii* Trécul (Moraceae). **Acta Botânica Brasília**, 21(3), p. 575-597, 2007.

NADIA, T. de L; MACHADO, I.C; LOPES, A.V. Fenologia reprodutiva e sistema de polinização de *Ziziphus joazeiro* Mart. (Rhamnaceae): atuação de *Apis mellifera* e de visitantes florais autóctones como polinizadores. **Acta Botânica Brasília** 21(4), p. 835-845, 2007.

OLIVEIRA, R.A. **Canudos: “a chegada do estranho” - identidade e conflito em assentamento do Médio São Francisco**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil, 2010. 217pp.

OLIVEIRA R.R.B; GÓES, R.M.O; SIQUEIRA, R.S; JACKSON, R.G.S.; LIMA, J.T; NUNES, X. P.; OLIVEIRA, V.R; SIQUEIRA, J.S; QUINTANS-

JUNIO, L.J. *Antinociceptive effect of the ethanolic extract of Amburana cearensis* (Allemão) A.C. Sm., Fabaceae, in rodents. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, 19(3), p. 672-676, 2009.

LITTLE, Paul E. Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Anuário Antropológico**, 322, 2002. 32 pp.

MONSSINI, Simone Aparecida Galerani & KEMMELMEIER, Carlos. *Árvore Nim (Azadirachtaindica A. Juss): Múltiplos Usos*. **Acta farmacêutica bonaerense**, v. 24, n.1: p.139-148. 2005.

MONTEIRO, Julio Marcelino *et al.* Teor de Taninos em três espécies arbóreas simpátricas da caatinga. **R. Árvore**, Viçosa – MG, v.29, n.6, p. 999-1055. 2005

PIERSON, Donald. **O Homem no Vale do São Francisco**, R.J., CODEVASF, 1972.

QUEIROZ, C.R.A.A.; MORAIS, S.A.L; NASCIMENTO, E.A. Caracterização dos taninos da aroeira-preta (*Myracrodruon urundeuva*). **Revista Árvore**, 26(4), p. 485-492. 2002.

QUEIROZ, Maria Isaura P. **O Campesinato Brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil**, Petrópolis, Vozes, 1973. 242 pp.

SILVA, A.C.O. da e ALBUQUERQUE, U. P. de. Woody medicinal plants of the caatinga in the state of Pernambuco (Northeast Brazil). **Acta Botanica Brasílica**; 19(1), p. 17-26. 2005.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro. **XX Encontro Anual da Anpocs**, GT 17, 1996. 20 pp.

WOORTMANN, Klass; WOORTMANN, Ellen F. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1997. 223pp.

ORIENTAÇÕES PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA CADERNOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFRPE

A Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE é uma publicação semestral do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, Campus Dois Irmãos. Define-se como um periódico científico que se dedica à publicação de artigos, resultantes de atividades de pesquisa, resenhas, traduções e entrevistas. Propõe-se a divulgar a produção acadêmica nas Ciências Sociais e áreas afins.

Serão aceitos para a publicação na Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE artigos científicos inéditos, caracterizados como de interesse à difusão de idéias e ao desenvolvimento das áreas de Ciências Sociais e áreas afins.

O material para publicação deverá ser encaminhado de acordo com o disposto nas normas para publicação da revista. Os autores, ao submeterem artigos para publicação na Revista Cadernos Ciências Sociais da UFRPE, serão legalmente responsáveis pela garantia de que o trabalho não constitui infração de direitos autorais, isentando o Departamento de Ciências Sociais da UFRPE, e o Comitê Editorial da Revista, de qualquer responsabilidade.

Os trabalhos serão examinados pelo sistema *Double Blind Review*, no qual os autores não são identificados pelos pareceristas em nenhuma fase do processo da avaliação e vice-versa.

Os artigos científicos submetidos à análise para publicação na Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE devem ser originais, não tendo sido publicados em outros meios de comunicação ou estarem sendo avaliados para publicação em outro periódico. Devem apresentar contribuição para o debate nas Ciências Sociais e áreas afins.

Para garantir o anonimato no processo de avaliação, o(s) autor(es) deve (m) anexar o arquivo com o artigo sem qualquer identificação no texto. Um arquivo complementar deverá ser anexado com a identificação do(s) autor(es) devendo-se incluir nome completo, vínculo institucional, vínculo com programas de pós-graduação e grupos de pesquisa, endereço postal e eletrônico. Neste arquivo
